

A HISTÓRIA E A EXPERIÊNCIA DE DRAGON DREAMING

Por John Croft

24 de Fevereiro de 2011

Tradução (texto e figuras): Áureo Gaspar (Agosto de 2012).

Título original: FACT SHEET NUMBER #7 THE HISTORY AND BACKGROUND OF DRAGON DREAMING

RESUMO: A história e o passado de Dragon Dreaming, uma vez que surgiu no âmbito da Fundação Gaia da Austrália Ocidental, é discutida. Alguns exemplos de projetos feitos utilizando a totalidade ou parte do método são apresentados, e um padrão subjacente mais profundo é apresentado.



Esta versão e a obra original de John Croft estão licenciados sob uma licença [Creative Commons Atribuição-Compartilhável 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/). Permissões além do escopo desta licença podem ser solicitadas a jdcroft@yahoo.com.

SUMÁRIO

UMA HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO GAIA DA AUSTRÁLIA OCIDENTAL	1
A ESTRUTURA CAÓRDICA AUTOPOIÉTICA	5
A ECONOMIA DA DÁDIVA	6
GOVERNANÇA	6
COMPOSIÇÃO	7
A NATUREZA DE UM PROJETO GAIA	7
COMO OS PROJETOS COMEÇAM	9
CONSTRUÇÃO DO QUADRO DE SEU PROJETO	11

UMA HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO GAIA DA AUSTRÁLIA OCIDENTAL

Quando eu tinha dezessete anos, tendo completado o ensino médio e planejando ir para a universidade, eu, como muitos outros garotos de minha geração, na Austrália Ocidental, consegui um trabalho temporário nos silos em que os fazendeiros australianos armazenavam seus grãos antes que estes fossem exportados.

Um pouco antes eu trabalhei com meu pai, e esta foi a primeira vez que ganhei dinheiro de verdade. Quando completei este trabalho temporário, eu retornei a Perth e usei minhas economias para comprar muitos livros, alguns dos quais ainda fazem parte da Biblioteca Gaia. Um livro que causou um profundo impacto em mim foi sobre Budismo, escrito por Christmas Humphreys.

Eu fiquei profundamente impressionado com o conceito do Budismo *Mahayana* sobre o *Boddhisatva*, alguém que é capaz de obter a salvação pessoal, mas retorna para trabalhar pela salvação de todos os seres. Este foi um ideal ao qual eu me dediquei àquela época, e eu tenho tentado viver por este ideal desde então. Pela época eu havia acabado de aceitar uma bolsa de estudos, que me permitia estudar praticamente qualquer coisa que eu quisesse na Universidade, mas em troca me fazia ter um padrão de vida muito modesto, o que me compeliu a trabalhar como professor quatro anos antes de me graduar. Perseguindo meu ideal de *Boddhisatva*, decidi finalmente viajar e trabalhar para as Nações Unidas.

Após os meus primeiros doze meses trabalhando como professor, eu economizei algum dinheiro, e nas nossas férias de verão, no Natal australiano, eu viajei para a Europa. Em Londres descobri um curso de mestrado para estrangeiros e professores da Comunidade Britânica, para educadores em países em desenvolvimento, que eu pensei poder ajudar nas minhas ambições, e retornei à Austrália Ocidental determinado a obter os pré-requisitos que me permitiriam, uma vez que eu tivesse terminado os três anos adicionais de ensino, vir a Londres e começar o curso.

Por outro lado, nesta época, eu me casei com uma francesa que conheci na Europa e que se juntou a mim na Austrália, e eu era um jovem pai quando retornei à Europa, no final de 1974, para começar meus estudos. Meus resultados na Universidade de Londres foram tais que me foi oferecido participar em um programa de doutorado, em lugar do mestrado, e então eu comecei com a intenção de estudar a relação entre a educação e o desenvolvimento comunitário no leste de Java. Diversos empregos de jornada parcial me ajudaram a cobrir parte de minhas modestas despesas para viver, permitindo-me trabalhar em um projeto que buscava melhorar a vida em vilas para estudantes primários na África anglófona, e um trabalho de férias com o *International Extension College*, promovendo os conceitos de 'Educação Aberta' para o Terceiro Mundo. Eu atuei também como pesquisador em tempo parcial no escritório do Instituto para Planejamento da Educação Mundial, da UNESCO em Paris, e também no Escritório Internacional do Trabalho, no Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento Social das Nações Unidas, em Genebra. Eu estava pronto para ir a campo com meu trabalho em Java Oriental, quando com pouco dinheiro eu atuei como conferencista em um projeto de doze meses, de Educação Comunitária, Educação Aborígine e outros temas, ensinando professores aprendizes, de volta a Perth, na Austrália Ocidental.

Economizando dinheiro para voltar à Indonésia e completar meus estudos, passei por uma crise pessoal em meu casamento, e para preservar nossa família, usei o dinheiro para comprar uma casa. Mas, durante aquele ano, eu encontrei um anúncio de emprego como coordenador de educação comunitária não formal nas Terras Altas do Sudoeste da Papua Nova Guiné, trabalhando para o fundo de Projeto Integrado de Desenvolvimento Rural do Banco Mundial, na mais pobre e isolada província daquele país, e em 1980 nossa família se mudou para lá. Este iria se tornar o ponto de mutação na minha vida.

Nos anos em que eu estava na Papua Nova Guiné, com um time de nove trabalhadores em tempo integral, administrávamos a organização de um Programa de Ensino para Adultos com 400 professores de literatura e 6.000 estudantes, falando em 12 idiomas. Nós trabalhamos instalando 110 projetos de suprimento de água para vilas, distribuímos 17.000 galinhas e 23.000 toneladas de ração para aves. Realizamos também um programa envolvendo 318 grupos de jovens e 218 grupos de mulheres. Além disso, oferecemos cursos de educação por correspondência, programas de treinamento de parteiras de aldeias, formação em tecnologia adequada (construir móveis com um machado e alguns pregos), e execução de oficinas de planejamento distrital, reorganizando serviços de extensão ao longo das Terras Altas Meridionais. Enquanto estava envolvido nestas atividades, que começaram a surgir os primeiros entendimentos da abordagem mais tarde chamada de *Dragon Dreaming*.

Infelizmente, meu filho, que nasceu na Papua Nova Guiné, desenvolveu um sério problema de saúde que requeria tratamento na Austrália. Assim, quando terminou meu contrato com o governo da Papua Nova Guiné, retornei a Perth. Então eu transferi meu doutorado de Londres e Indonésia, para a Universidade da Austrália Ocidental, minha terra natal, e para a Papua Nova Guiné. Com uma grande perda de status, trabalhei como profissional por dois anos com o Conselho do Movimento Rural de Jovens, auxiliando no estabelecimento de projetos baseados em comunidades. Uma mudança nas políticas governamentais levou à abolição do Conselho, e tive que escolher entre continuar estudando ou ser recolocado em algum outro lugar no governo. Quando eu disse que estava no meio do meu doutorado, eles me perguntaram se eu gostaria de passar um período de 12 meses com salário parcial para completar a tese.

Meu casamento já havia terminado, e neste interim eu conheci a minha amada Vivienne. Durante este período eu me aproximei de muitas das pessoas com quem tenho trabalhado e estas me perguntaram se eu podia ajudá-las em seus projetos. A resposta foi que "não, até que eu terminasse minha tese", e como estava se

aproximando a época de conclusão, com a pressão de terminar a tempo, eu podia ver um grande maremoto de pessoas esperando o fim dos meus estudos, e com a pressão eu não estava dormindo muito bem.

Uma noite eu tive um sonho. Foi com base no pensamento – “Imagine que existe uma organização para a qual você poderia dedicar o resto de sua vida”. Na segunda parte do sonho havia um grupo de pessoas que se reuniram para criar tal organização, pois esta não existia. E, finalmente, no sonho, havia um nome – “A Fundação Gaia”. Às 3 horas da manhã eu me virei para Vivienne e perguntei: “Você está acordada?” Ela respondeu: “Agora estou”. Eu lhe disse que tive um sonho muito interessante e ela respondeu: “Eu também. Antes de me contar o seu sonho, deixe-me dizer-lhe o meu. Sonhei que havia uma organização à qual pudéssemos dedicar nossas vidas, chamada de Fundação Gaia”.

Nós ficamos atônitos. E por enquanto nada foi feito. Minha irmã Deirdre estava participando de um curso e nos convidou a assistir à última sessão, e nesta fomos chamados a participar da próxima edição do curso. Nós nos recusamos, parecia “muito americano”, mas Vivienne se tornou amiga de um dos apresentadores, que se ofereceu a pagar a taxa de participação dela. Quando eu vi as mudanças que o curso fazia no desenvolvimento pessoal de Vivienne, eu decidi participar também. No final do curso, o apresentador sugeriu que o compromisso não existe até o ponto em que uma pessoa está comprometida. Ele convidou os participantes a levantar-se e declarar os seus compromissos publicamente, no palco. Fiquei sentado, mas me contorcia inquieto, porque sabia que teria que declarar meu compromisso com esta organização que não existia. Eu declarei e, como resultado, convidei 12 pessoas para nos reunirmos e começarmos a trabalhar em sua criação. Nós concordamos com os seus objetivos:

- **Crescimento pessoal** – compromisso com a sua própria cura e empoderamento.
- **Construção de uma comunidade** – fortalecendo as comunidades de que você é uma parte.
- **Serviço à Terra** – o reforço do bem-estar e prosperidade de toda a vida.

A Fundação teve sua inspiração e organização a partir da teoria Gaia, de James Lovelock e Lynn Margulis, que mostrava que a própria Terra está “viva”. Os ciclos biológicos e geológicos de água, ar e terra, impulsionados pelo calor do Sol, são tão fortemente acoplados dentro da biosfera que formam um metabolismo autorregulador, uma “entidade viva” em evolução.

Criamos um Estatuto para a organização, que nunca foi usado, e imediatamente começamos a realizar projetos. Um dos primeiros projetos nos quais nos envolvemos foi uma série de ‘noites de cinema’ sobre as questões ligadas àquilo que hoje seriam as chamadas ‘ecovilas’, mas naquela época eram as Comunidades de Capacidade Múltipla. Um dos projetos que eu tinha feito antes do advento da Fundação Gaia foi ajudar a organizar a Associação Australiana para Comunidades Sustentáveis, e tinha produzido, em associação com a Universidade Edith Cowan, uma série de programas de vídeo para apresentação de tais comunidades organizadas anteriormente.

Um segundo projeto inicial, em associação com a Fundação Educação para a Paz, foi realizar os programas ‘Caminhos para o Futuro’. Foi apresentada uma pesquisa internacional que mostrava que 80% dos adolescentes acreditavam que o mundo iria acabar dentro de seu período de vida, como resultado das elevadas tensões da Guerra Fria, sob Reagan e Thatcher, e não havia nada que pudessem fazer sobre isso.

Para alterar este sistema de crença pessimista, nós trouxemos mais de 400 alunos do ensino médio para a Universidade da Austrália Ocidental, ao final do ano letivo e no momento em que os professores estavam ocupados corrigindo os exames de matrícula, trabalhando com palestras e facilitadores em pequenos grupos de discussão. Uma pesquisa sobre as atitudes dos alunos antes e após o programa Caminhos para o Futuro, por três anos, foi decepcionante. A pesquisa mostrou que enquanto as meninas eram mais otimistas sobre o futuro, elas também eram mais ativas que seus colegas do sexo masculino. Os meninos, em comparação eram não apenas menos ativos, mas também muito mais pessimistas. No final das sessões, parecia que as crianças estavam muito bem informadas, mas não houve uma mudança de atitude. O quarto programa, liderada por Vanessa Lynne, foi diferente. Ela usou uma meditação guiada para conseguir que os alunos imaginassem um dia, cinquenta ou

sessenta anos no futuro, em que seus netos vinham convidá-los para um piquenique no campo. Um dos netos vem e pergunta: “Vovô, Vovó, as coisas eram realmente tão difíceis no passado?” As crianças, em seguida, tinham a oportunidade de partilhar as suas opiniões. Em seguida, elas eram convidadas a se conectar com uma segunda pergunta, “Nós não temos esses problemas agora, como foram resolvidos?” Depois de uma discussão mais aprofundada, uma terceira questão era levantada, “Qual foi a sua participação neste jogo?” Esta sessão produziu a mudança nas atitudes que estávamos procurando.

Pouco tempo depois, uma das pessoas que estiveram envolvidas nos estágios iniciais tirou um ‘ano sabático’ de sua posição como designer gráfico na Universidade de Tecnologia Curtin, viajando ao redor do mundo, e criando conexões para o seu projeto pessoal – a criação de uma rede que ela chamou de “Designers para o Planeta”. Quando voltou, ela contou uma história de suas viagens. Ao chegar ao Havaí, e sem conhecer ninguém, ela estava folheando a lista telefônica e encontrou uma Fundação Gaia, no Havaí. Ela telefonou para o número, fez contato e se reuniu com algumas das pessoas envolvidas. Seguindo viagem para San Francisco, contou sua experiência em um jantar, e um dos presentes disse: “Então você sabe da Fundação Gaia aqui em San Francisco?” A partir daí ela começou a caça, e ficou surpreendida com o que encontrou. Havia um “Instituto Gaia”, em Nova York. Fundações Gaia no Chile, Brasil, Londres, Hungria e Malta. Havia uma Gaia na Dinamarca, a Universidade Gaia na Alemanha, um Clube Gaia na Polônia, todos com finalidades e objetivos semelhantes, e todos se inspirando a teoria de Gaia de Lovelock e Margulis.

Outros projetos surgiram. Em associação com o governo da Austrália Ocidental, que se envolveu na organização da moeda local *LETS*ystems. Criada por Michael Linton, como resultado do nosso trabalho, havia 43 sistemas desse tipo, circulando até US\$ 2,5 milhões por ano no comércio de bens e serviços.

Havia muitas outras iniciativas. Como resultado do trabalho de Vivienne, que se envolveu na organização de *workshops* experienciais de Ecologia Profunda, realizando dois ou três a cada ano, por mais de 20 anos. John Seed e Joanna Macy visitaram várias vezes Austrália Ocidental, em associação com este trabalho, participando de oficinas que foram planejadas utilizando o método Dragon Dreaming. Elas tiveram um efeito enorme sobre o ativismo ambiental subsequente na Austrália Ocidental. Muitos dos políticos verdes, tanto a nível estadual quanto federal, participaram dessas oficinas, e também houve um efeito enorme na de longo prazo na Campanha para Salvar as Florestas Nativas. Um projeto da Fundação Gaia trouxe a Perth o treinador e ativista americano Fran Peavey, que dirigiu *workshops* em seu trabalho sobre a “Política do Coração”, uma maneira de executar projetos de ativismo de tal forma que ajudasse a curar conflitos profundamente arraigados e alcançar resultados positivos, sob diferentes termos de referência e pontos de vista. Por exemplo, seguindo o exemplo da “Política do Coração” de Fran Peavey, nós estabelecemos “postos de escuta” no centro das cidades madeireiras, para reduzir os temores dos trabalhadores madeireiros locais sobre os manifestantes ambientalistas que estavam tentando frustrar a destruição das velhas florestas, que estavam sendo transformadas em lascas de madeira de baixa qualidade para a fabricação de embalagens de papelão que em seis meses seriam jogadas fora como lixo.

Uma jovem ativista universitária, Jess Beckerling, que originalmente se juntou ao protesto por um fim de semana, mas acabou ficando por dois anos, ao ouvir os profundos medos e preocupações dos lenhadores, que viam o ativismo ambiental em defesa da proteção das florestas como uma ameaça, considerou que precisávamos descobrir uma estratégia “ganha-ganha”, na qual os trabalhadores teriam seus empregos protegidos, permitindo-lhes honrar seus compromissos financeiros, e ao mesmo tempo, que o crescimento das florestas poderia ser protegido contra virar cavacos de madeira.

O apoio veio também de outras formas. Um membro da Fundação Gaia, recordando os pacotes de ajuda humanitária enviados por civis para as tropas em tempos de guerra, organizados por pessoas que não podiam se juntar aos manifestantes, enviou “Notícias de Casa”, com pacotes incluindo luvas e meias quentes à prova de água, barras de chocolate e uma carta dizendo que ele também apoiava aqueles que estavam dando o seu tempo para a defesa do meio ambiente. Outros membros se envolveram mais diretamente, juntando-se aos bloqueios na floresta, ajudando com a construção ou vivendo por meses em plataformas na copa das árvores *Karri*. Ainda outros bloquearam as linhas de transporte ferroviário, para evitar que os trens carregados de

cavacos de madeira se movessem. A polícia prendeu os manifestantes e acusou-os de “impedir uma atividade lícita”.

Quando os advogados de defesa da Defensoria de Defesa Ambiental (DDA), questionaram o promotor da polícia sobre a acusação, foram informados que os manifestantes tinham impedido um trem carregado com cavacos de madeira. Quando o advogado da DDA descobriu que os cavacos de madeira tinham de fato sido cortados ilegalmente na floresta, a polícia mudou a acusação também para “impedir um trem de se mover”, uma acusação que, potencialmente, levava a uma pena máxima de seis meses de prisão. Depois de dois anos em juízo, sem ser dada a oportunidade de explicar seus motivos, os ativistas florestais de Gaia pediram ao magistrado para que os réus pudessem enfrentar o tribunal e explicar as razões de suas ações. Eles foram autorizados e, embora o magistrado fosse obrigado a enquadrar os ativistas como culpados nos termos da lei, ele tinha discernimento no assunto para determinar se um registro da condenação fosse mantido, e o tamanho da pena imposta.

O pioneiro projeto antinuclear “Pare o Urânio, Recupere o Futuro” trouxe duas pessoas da área afetada pelo desastre de *Chernobyl*, para compartilhar histórias de crianças com comunidades aborígenes tradicionais, onde se localizavam os depósitos de urânio, e levar a mensagem antinuclear a comunidades e parlamentos ao redor da Austrália. Este projeto resultou em uma publicação e no filme “País Doente”, que foi exibido ao público.

Um membro criou um documento para reflexão, sobre uma possível Casa Gaia, sugerindo que seria possível encontrar e reformar uma pequena cabana, perto de transportes públicos, com um jardim permacultural, reciclagem de água cinza, tanques de água de chuva, uma biblioteca e um espaço de encontro, cuidada por guardiães de Gaia. Dentro de duas semanas, foi oferecido um prédio, na condição de nunca ser vendido. Fizemos uma hipoteca para pagar um dos donos (o outro doou a sua parte do prédio), e para pagar o custo dos reparos. Infelizmente, a Cooperativa de Crédito com quem a hipoteca foi levantada foi comprada por um dos principais bancos da Austrália, que estava financiando uma mina de urânio no interior de uma reserva nacional, contra os desejos dos aborígenes proprietários das terras. A frustração de que o dinheiro de Gaia fosse usado desta forma, para pagar o estabelecimento de uma mina de urânio (contra os princípios de Gaia), levou um dos nossos membros a pagar a hipoteca do seu próprio bolso, em um ‘acordo de cavalheiros’, onde o empréstimo fosse pago a juros simples, apenas 1,5% acima das variações no Índice de Preços ao Consumidor (que mede a taxa de inflação).

Em 24 anos, dessa maneira e de outras, mais de 611 projetos foram realizados. Até agora, embora muitos desses projetos não tenham sido concluídos na forma originalmente prevista, ainda não houve um único projeto que foi executado com perda financeira.

A ESTRUTURA CAÓRDICA AUTOPOIÉTICA

Muitos dos pensadores mais importantes do mundo estão engajados no estudo de sistemas adaptativos complexos, auto catalíticos, auto-organização, não lineares, geralmente referidos como ‘complexidade’ ou ‘teoria do caos’. Eles acreditam que tais sistemas, talvez até a própria vida, surgem e prosperam à beira do caos, com ordem apenas o suficiente para dar-lhes padrão, mas não tanto para retardar a sua adaptação e aprendizagem. A palavra ‘caórdico’ foi criada a partir das primeiras letras das palavras ‘caos’ e ‘ordem’, aplicando-se a tais organismos, organizações ou sistemas auto catalíticos, auto reguláveis, adaptáveis, não-lineares, complexos, sejam eles físicos, biológicos ou sociais, cujo comportamento exiba harmoniosamente características de ordem e caos.

São entidades cujo comportamento exibe padrões e probabilidades não regulados ou explicados pelo comportamento de suas partes. A princípio acredita-se ser uma das características fundamentais da organização da natureza e da evolução. Organizações caórdicas são abertas, no que diz respeito aos seus ambientes e existem na periferia, na borda da mudança de fase entre a ordem e o caos.

Autopoiese é um termo criado pelos biólogos chilenos Francisco Varela e Humberto Maturana. Uma estrutura autopoietica é caracterizada por um sistema que:

- (a) Mantém a sua organização, definida por toda uma história resiliente de envolvimento com perturbação ambiental e mudança estrutural.
- (b) Funciona regenerando continuamente seus componentes, no curso de sua operação continuada, através da troca de energia com os sistemas maiores dos quais faz parte.

Sistemas autopoieticos, como o planeta Gaia em si, são sistemas vivos. A Fundação Gaia pretende manter-se como um sistema de vida ecológica.

A Fundação Gaia foi concebida de acordo com princípios caórdicos e autopoieticos. Como tal, não pode ser uma associação formalizada, pois os princípios da formalização procuram perpetuar uma estrutura contínua e de imutável ordem burocrática, tal como determinado pelo documento de uma constituição. Mesmo que tais constituições contenham cláusulas permitindo emendas, os princípios da organização para tal estrutura formalizada são lineares e mecânicos, não caórdicos, autopoieticos e orgânicos.

A ECONOMIA DA DÁDIVA

Muito antes de qualquer economia monetária existir, os seres humanos se organizavam com base no princípio da doação recíproca de presentes. Em tal economia da dádiva procurava-se sustentar o outro. Se eu estou precisando, e alguém da comunidade pode ajudar a prever essa necessidade, então me dão o que eu preciso. Se outro está em necessidade, eu faço o que posso para atender sua necessidade. Um mundo baseado em tal dádiva torna-se um mundo no qual os recursos são partilhados plena e equitativamente. A Fundação Gaia busca auxiliar na regeneração de tal economia da dádiva, entre os seus membros e as comunidades mais amplas de que é parte. Assim, não temos taxas de adesão. Em vez disso, agimos como uma comunidade que encoraja nossos membros a fazer a doação financeira ou fornecer o trabalho voluntário, que sintam expressar seu apoio para a nossa organização, seus projetos e seu propósito. Nosso objetivo é mostrar que, ao dar, podemos ganhar a vida e sustentar a nós mesmos. Desde a sua criação a Fundação Gaia tem sido abençoada com muitos desses presentes por parte dos seus membros.

GOVERNANÇA

Na Fundação Gaia ninguém está no comando. Não há um único centro de poder na Fundação Gaia – o centro é distribuído entre aqueles que se dizem membros e está em toda parte. Não existe um “comitê executivo” ou Conselho autoperpetuado que rege a organização. Este *design* de “vazio centrado” permite que os membros se organizem em qualquer escala, mantendo poder, autoridade e tomada de decisões no âmbito dos projetos em um nível menor ou mais local, que inclui todas as partes interessadas e afetadas.

A Fundação Gaia é composta por um número potencialmente ilimitado de membros, criando projetos que criam novos centros de atividade. Membros assim tomam a iniciativa e dão resposta às iniciativas tomadas por outros, de acordo com os nossos três princípios fundamentais. A organização é, portanto, policêntrica, com múltiplos pontos de contato, coordenação, formas de comunicação e liderança. Cada membro da Fundação Gaia tem o direito de criar qualquer novo projeto no sistema, desde que incorpore os princípios comuns e procure avançar nas três finalidades da Fundação. A participação é sempre voluntária, e ninguém pode ser forçado a participar de algo que não apoia.

Em uma era de acelerada mudança, as pessoas, as organizações e as economias nacionais que têm mais chances de sobreviver são aquelas com a capacidade de se ajustar e adaptar. Tal como acontece com as ecologias da vida, a energia máxima da organização da Fundação Gaia está contida na sua periferia, a borda com a qual interage com o resto do mundo.

Cada aspecto da Fundação Gaia pode e está mudando à medida que a organização evolui com a sua situação através de mudança da natureza dos projetos em que se compromete com os indivíduos e o mundo. Membros governam a si mesmos e as partes da rede de projetos em que participam. Projetos da Fundação não são organizados em princípios burocráticos, mas sim em uma ‘adhocracia’. Eles continuam enquanto a comunidade

de membros que criam e apoiar o projeto continuem a sustentar e manter o projeto. Quando os membros cessam ou perdem a energia alocada a um projeto, ele chega naturalmente ao fim.

COMPOSIÇÃO

No coração da Fundação Gaia estão seus três princípios. Eles constituem o corpo fundamental da crença de que nos une. Quaisquer pessoas ou instituições que subscrevem os princípios, independente de raça, classe, gênero, preferência sexual, idade, nacionalidade, estado civil, filiação religiosa ou política, são elegíveis e considerados como membros. A adesão é conferida através destes indivíduos elegíveis e organizações que fazem o esforço de se chamar ‘os membros da Fundação Gaia’. A Fundação Gaia trabalha para construir pontes entre grupos de pessoas que poderão não estar em estreita relação. Tem membros oriundos das mais diversas origens nacionais e religiosas.

Nós gostamos e indicamos uma enorme diversidade entre os nossos membros – na profissão, na filosofia, na perspectiva e na abordagem. Os membros são os que atuam para catalisar o surgimento e evolução contínua da Fundação Gaia, através de suas atividades fundacionais. São indivíduos atraídos por novas maneiras de pensar, as mudanças transformadoras de liderança organizacional ou institucional, e aqueles empenhados em criar novas e poderosas ferramentas para a inovação, aprendizagem e ação.

Destruir nossos sistemas de suporte vital e chamar isso de progresso é insano. Nas culturas insanas, a maioria das pessoas são sonâmbulos, perpetuando a insanidade. Isto surge na vida dos indivíduos como doença, estresse e declínio da qualidade de vida; em comunidades, como desconfiança, disfuncionalidade e medo; internacionalmente em uma guerra sem fim contra o terror, e biologicamente como a maior extinção desde a época dos dinossauros.

Como recuperar o nosso futuro, evitando a negação e a construção de nova capacitação, e cumprindo o que realmente faz a diferença, dentro do indivíduo e na comunidade? Como é que despertamos para o nosso destino humano? Qual é o nosso propósito na vida – e como podemos garantir que agimos em harmonia com o nosso verdadeiro propósito?

Nós somos uma parte da Grande Virada – além das fronteiras do Transe de Crescimento Industrial – para uma nova vida de cultura sustentável. Os sinais estão aparecendo em toda parte, mas o resultado não é predeterminado. Fazer a transição levará todos nós – individual e coletivamente – a descobrir fontes de poder pessoal além de nossa imaginação, trabalhando coletivamente como uma espécie pela primeira vez na história. Ficar sentado em cima do muro é escolher o suicídio. Marianne Williamson disse: “*Nosso medo mais profundo não é o de sermos inadequados. Nosso medo mais profundo é que somos poderosos além da medida. É a nossa luz, não nossa escuridão que mais nos assusta.*” Venha e junte-se à dança mais surpreendente possível.

A NATUREZA DE UM PROJETO GAIA

Dragon Dreaming vive através dos projetos com os quais se compromete e apoia – se algum dia os projetos terminassem, *Dragon Dreaming* poderia, em um sentido muito real, também acabar.

Mas o que constitui um projeto? Como os projetos começam e como você ou outras pessoas se envolvem em um Projeto Gaia *Dragon Dreaming*?

A palavra ‘projeto’ significa literalmente ‘jogar, atirar ou lançar algo’ – é um verbo, além de ser um substantivo. *Dragon Dreamers* são ‘ativistas’ e Projetos Gaia existem como ‘ações’ e, provavelmente, têm mais em comum com o significado verbal da palavra ‘projeto’ do que como um conjunto de ‘coisas’, como o substantivo poderia sugerir.

Você nunca pode entender alguma coisa até que você tente mudá-la. A medida que você muda a si mesmo, você descobre a si mesmo. Conforme você muda o mundo, descobre o mundo. O projeto da sua vida é a maneira como você está mudando a si mesmo enquanto que, ao mesmo tempo, muda o mundo.

Isto começa com uma intenção. Para a Fundação Gaia da Austrália Ocidental:

“Nossa intenção é capacitar carinhosamente a nós mesmos e aos outros para aprendermos a estar em unidade com Gaia, a Terra viva, através de uma ação corajosa e alegre, agora”.

Mas se um projeto de Gaia tem esse sentido, o que é essa ‘ação’ que é ‘lançada’ desta forma? Um projeto de Gaia pode ser definido como:

“Qualquer série de tarefas ou atividades, realizadas por qualquer pessoa, que ajudem a criar uma visão ou alcançar um objetivo para o futuro alinhado com seus objetivos.”

O que é ‘lançado’ no projeto é a intenção do iniciador, ou a visão da diferença que o projeto poderia fazer em suas próprias vidas e nas vidas de outros que se envolvam.

Todos os Projetos Gaia começam como o sonho de uma pessoa, que tem como objetivo fazer a diferença no mundo. Isso é provavelmente verdade para qualquer projeto, bem como, a natureza de um Projeto Gaia.

Para ser um Projeto Gaia, o projeto tem que atender a três objetivos simultâneos:

- Em primeiro lugar, ele tem que ser um projeto de **crescimento pessoal**, para as pessoas que nele se envolvem. O projeto visa ampliar as nossas capacidades e nos permite viver em maior extensão todo o potencial que temos como seres humanos, indo além dos nossos limites auto impostos. Isto significa que o projeto tem que ter um compromisso com a cura e empoderamento de você e das outras pessoas com quem se envolver.
- Em segundo lugar, ele tem que ser um projeto de **construção da comunidade** – fortalecendo as comunidades de que você é uma parte. Comunidade é um termo que é frequentemente abusado, usado em casos onde as comunidades não existem. Vamos olhar para o verdadeiro significado da palavra “Comunidade” mais tarde. Para o momento, vamos dizer que as comunidades das quais somos membros são sempre mais do que humanas.
- Em terceiro lugar, tem que ser um projeto de **serviço para a Terra** – o reforço do bem-estar e prosperidade de toda a vida. A Terra nos dá muito, e tendemos a tomar como garantido. Como Daniel Quinn sugeriu, nossa cultura é uma cultura de ‘Tomadores’, não de ‘Largadores’ ou ‘Doadores’. Projetos Gaia procuram inverter isso, para dar de volta à Terra em gratidão pelo que a Terra nos tem dado.

Desta forma, qualquer ação que atenda a esses três objetivos, e aja com a intenção dos homens e mulheres comuns, pode ser chamada de Projeto Gaia.

Os projetos podem ser de três tipos:

1. Em primeiro lugar, há aqueles projetos que são realizados desde o início como ‘um Projeto Gaia’. São projetos que as pessoas podem iniciar, e que são desde o início considerados por si e pelos outros como ‘projetos’ de Gaia. Eles podem anunciar-se como um ‘Projeto Gaia’ para outras pessoas que tenham estado envolvidas em atividades de Projeto Gaia no passado, e, portanto, podem recorrer a recursos de outros projetos ou indivíduos envolvidos em outros projetos, por sua vez.
2. Em segundo lugar, há aqueles projetos que podem não ter começado como ‘um Projeto Gaia’, mas a que os membros de Gaia oferecem apoio pessoal, de alguma forma, como se fossem todos os membros da mesma organização. Desta forma, pode ser considerado por alguns membros que o projeto cumpre os objetivos da organização, embora em todos os outros sentidos o projeto seja independente da organização que, nesses casos, por vezes, pode desejar patrocínio ou tentar usar alguns dos recursos de outros Projetos Gaia para garantir o seu sucesso.
3. Finalmente, há aqueles projetos que parecem não ter nada a ver com o processo *Dragon Dreaming*. Eles podem ser iniciados por outras organizações, para seus próprios fins, e como membro você pode decidir apoiar este projeto como seu próprio projeto para crescimento pessoal, a construção de comunidade e

serviço para a Terra. Nestes casos, cabe ao indivíduo envolvido informar os outros membros deste projeto que eles estão envolvidos em um Projeto Gaia pessoal.

Aqui estamos preocupados apenas com o primeiro tipo do Projeto Gaia, embora o que se segue pode ser de interesse para os membros de Gaia e até mesmo outras pessoas envolvidas em outros tipos de projetos também.

COMO OS PROJETOS COMEÇAM

Todo projeto que já começou foi o resultado de um encontro comunitário profundo, um encontro entre um “eu” individual e o ambiente de seu “mundo”, um mundo que é considerado “não-eu” ou “outro”. Esta reunião, se for para ser bem sucedida, exige uma contribuição, um “input” de cada pessoa e do mundo. Ao mesmo tempo, se é para ser verdadeiramente bem sucedida que produza uma alteração, ou um desenvolvimento do mundo, causando simultaneamente uma alteração, ou capacitação do indivíduo. Desta forma, “desenvolvimento comunitário” e “autoeducação” são imagens de espelho e opostas, um – “desenvolvimento” – sendo o que acontece com o mundo como o resultado de um



projeto e o outro, – “educação” – sendo o que acontece com o indivíduo.

A natureza desse desenvolvimento é muitas vezes incompreendida. “Desenvolvimento” é uma palavra que é frequentemente usada com abuso no mundo moderno, como muitos “projetos de desenvolvimento” são na realidade pouco mais do que formas de causar destruição profunda e profundos danos – danos a um lugar, danos a uma comunidade e muitas vezes danos à natureza dos indivíduos que estão envolvidos. Na realidade, a fim de descobrir a verdadeira natureza do desenvolvimento precisamos voltar para os verdadeiros significados da palavra. “Desenvolvimento” é constituído por três elementos:

- **de** – prefixo que significa “remover”, “liberar” ou “libertar”.
- **volupe** – do latim, na queda de Roma, ou seja, “aquelas coisas que nos prendem para baixo”.

- **mento** – um sufixo que significa “o processo de”

O desenvolvimento pode ser definido como “o processo que nos liberta os fatores que nos prendem”. O verdadeiro desenvolvimento, por sua própria natureza, envolve libertação e liberdade, fatores que vamos voltar a considerar mais tarde.

Assim como não compreendem a natureza do desenvolvimento, também não compreendemos a natureza do processo de educação. As pessoas confundem educação com escolaridade, como se os dois fossem a mesma coisa. Escolaridade, desde o “skhole” grego significava “lazer” e foi visto como *algo à parte*, ou como uma *preparação para a vida*.

É um processo baseado em uma pressuposto da ignorância do aluno e o conhecimento do instrutor, a transferência de aprendizagem que também tem o significado de “disciplina, manter sob controle, deliberadamente treinar ou acostumar”. Muitas pessoas erroneamente acreditam que a educação para quando a escolarização formal também para. Isto está longe da verdade. Educação é, sempre foi e sempre será um processo permanente de aprendizagem, desde o berço até o túmulo. Ela vem de:

- **e-ducare** – do latim, significa “*levar para fora*” ou “*expor o que está dentro*”.
- **ção** – do latim *-tionis*, um sufixo que significa “*a ação de*”.

Educação, portanto, significa a “ação de alcançar um potencial interior de alguém”, ao invés de ter algo acrescentado por meio de instrução ou treinamento.

Precisamos reconhecer a educação vem em três tipos distintos:

1. **Educação formal** – organizado entre pré-escola, fundamental, médio, ensino superior e profissional. Este sistema de aprendizagem é pago por dinheiro recolhido pública ou privadamente para efeitos de “*educação*”.
2. **Educação informal ou incidental** – organizada através de notícias de mídia de massa e programas documentais, aprendizagem no trabalho e aprendizagem que ocorre através da participação no cotidiano social da comunidade.
3. **Educação não formal** – é a educação que ocorre através do ato de contratação, levando a uma reflexão entre pensamento e ação e de volta ao pensamento, em uma “*práxis*” reflexiva, um processo chamado pelo educador brasileiro Paulo Freire de “*conscientização*”.

Projetos Gaia podem, a partir deste ponto de vista, ser vistos como um projeto de educação não formal, embora possa ocorrer em contextos formais ou informais.

O processo de educação e desenvolvimento sempre ocorre melhor em comunidades, que produzem e são produzidas por estes dois processos. A palavra comunidade é também ampla e muitas vezes mal utilizada, de forma que roubaram à palavra de muito do seu significado. Os políticos gostam especialmente desta palavra. Hoje, o que muitas vezes chamamos de comunidades são apenas coleções acidentais de pessoas que têm algo em comum, como se essa fosse a origem da palavra. Mas essa coletividade acidental não é realmente uma comunidade.

Como o desenvolvimento, a comunidade é composta por três elementos:

- **Com** – sufixo latino “com”, “juntos” ou “em conjunto”.
- **Munis** – uma palavra antiga em latim, vindo de indo-europeu, significando uma “dádiva”, “ligação recíproca” ou “troca”.
- **Dade** – do francês – *été* e do latim – *atis*, que significa formar ou ter uma qualidade ou condição.

Assim, a comunidade pode ser definida como “*aqueles com quem temos uma doação recíproca de dádivas*”, ou “*as ligações locais ou trocas que nos mantém juntos*”. A verdadeira comunidade, portanto, caracteriza-se pela qualidade da comunicação dos seus membros. É uma comunicação que dá, que é respeitosa, é solidária e generosa – porque só quando a comunicação tem essas qualidades que podemos dizer que uma comunidade, na realidade, existe. Agora é fácil ver por que temos tão poucas comunidades hoje em dia, ou por que a condição moderna de anonimato, em que tudo é comprado ou vendido, em vez de ser presenteado ou doado, é tão destrutiva da comunidade.

Projetos Gaia são construídos em torno deste conceito de “comunidade autêntica”. Todos os envolvidos em um projeto Gaia estão envolvidos em um profundo senso de dádiva – para si mesmas, em sua própria educação e autodesenvolvimento – um para o outro, na construção de um senso de comunidade – e ao mundo do qual fazem parte.

Assim, esta primeira dimensão, de eu-outro, ou indivíduo-comunidade-ambiente, nos fornece uma dimensão de um projeto. Ela nos leva naturalmente a considerar uma segunda dimensão de um projeto baseado em “conscientização” – o reflexo do pensamento-ação ou teoria-prática.

Qualquer projeto que se baseia na ação, ou prática, sem ser baseado em “pensar o mundo” é cego. Da mesma

forma, projetos baseados exclusivamente e só no pensamento ou na teoria, e que nunca levam à ação ou prática, são irrelevantes. Os projetos que são tremendamente bem sucedidos são aqueles que sempre alcançam a melhor integração entre teoria e prática.

Como antes, há uma série de trocas recíprocas entre o projeto, teoria e prática. As pessoas sempre iniciam o projeto com uma compreensão teórica do mundo – uma visão baseada no senso cultural comum que acumularam ao longo de sua vida. Esta visão do senso comum sobre o que é real, no entanto, é uma forma de ilusão consensual. Outras realidades são possíveis, mesmo a realidade de todos é uma construção pessoal – e duas pessoas não vivem no “mesmo mundo” – já que sua visão é construída a partir de sua própria experiência.

Algumas destas experiências vêm de antes do nascimento, na natureza de nossas experiências no útero, outras vêm desde a infância, de uma família de origem, a partir de experiências na escola e com os pais. Camada sobre camada é construída e, dessa forma, eventualmente, construímos um modelo interior da forma como acreditamos que o mundo opera. Dentro deste modelo de mundo instalamos uma “autoimagem” – um modelo de nós mesmos. Este compreende o mundo em que habitamos. Nossas ações são moldadas não por aquilo que realmente vai acontecer, mas sim por aquilo que acreditamos que irá acontecer. A nossa “autoimagem” também determina o que nós acreditamos que somos capazes de fazer. Ela estabelece um limite contra o qual estamos continuamente nos medindo e limitando. Assim, a “autoimagem” de cada um de nós é construída a partir de pré-julgamento, é literalmente uma forma de “pré-conceito”. Na verdade, é a pior forma de preconceito, muito mais prejudicial do que qualquer racismo ou sexismo, porque é preconceito que temos contra nós mesmos – é a única forma de preconceito do qual nunca fugimos. Mas o desenvolvimento, como vimos, promete libertação – e o Projeto Gaia oferece uma forma de libertação.

Essa é a natureza essencial de um Projeto Gaia. À medida que se envolve com o projeto, começa-se por contribuir a partir de dentro da segurança de nossa visão pré-existente de si e do mundo. Mas o processo de acoplamento vai transformar ambos. Ninguém que conclui um projeto continua a ser a mesma pessoa que era quando começou – uma transformação mensurável ocorreu.

Não é apenas uma transformação de pensamentos de uma pessoa, ou as teorias pelas quais vivemos nossas vidas. É igualmente uma transformação de nossas habilidades, as práticas e ações pelas quais vivemos nossas vidas. O que um ser humano é capaz de fazer? Quem você é capaz de ser? Você sabe? Quando se estuda história, encontram-se inúmeros exemplos de pessoas que conseguiram coisas incríveis. Estamos presos em um momento de crise histórica em que estamos sendo chamados para ser o que nascemos para nos tornarmos – os agentes do processo pelo qual o Universo se transforma, alcançando sua própria salvação.

Todo Projeto Gaia, não importa quão grande ou pequeno, tem este potencial transformador.

CONSTRUÇÃO DO QUADRO DE SEU PROJETO

Um modelo de poder é central para a nossa concepção do mundo. Desde a época dos antigos gregos, no Ocidente se acredita que as coisas reais têm uma capacidade de durar. O que é efêmero é visto como algo não real, que é apenas transitório. Na física clássica, por exemplo, objetos materiais são reais. Forças aplicadas a esses objetos fazem com que mudem de posição. A aceleração produzida é obtida através da aplicação de energia, e a energia é vista como a capacidade de realizar trabalho. Gregory Bateson, o pensador sobre sistemas, argumentou:

“O mito do poder, é claro, é um mito muito poderoso, e provavelmente a maioria das pessoas neste mundo mais ou menos acredita nele... Mas ainda é loucura epistemológica e leva inevitavelmente a todo tipo de desastre... Se nós continuarmos a operar em termos de um dualismo cartesiano de mente versus matéria, veremos, provavelmente, também o mundo em termos de Deus contra o homem, de elite e povo, raça escolhida contra outras, nação contra nação e o homem versus ambiente. É duvidoso se uma espécie que possua uma tecnologia avançada e esta estranha forma de olhar o mundo possa durar...”

“O conjunto do nosso pensamento sobre o que somos e o que outras pessoas são tem de ser reestruturado. Isso não é engraçado, e eu não sei quanto tempo temos para fazê-lo. Se continuarmos a operar nas

instalações que eram moda na época pré-cibernética, e que foram especialmente sublinhadas durante a Revolução Industrial, que pareciam validar a unidade darwiniana pela sobrevivência, podemos ter vinte ou trinta anos antes da lógica reductio ad absurdum de nossas posições antigas nos destruir. Ninguém sabe quanto tempo nós temos, sob o atual sistema, antes que algum desastre nos atinja, mais grave do que a destruição de qualquer grupo de nações. A tarefa mais importante hoje é, talvez, aprender a pensar na nova forma”.

As duas dimensões separadas, apresentadas acima, quando combinadas, fornecem-nos o tipo de conexão cibernética entre a situação do mundo e como o vemos. Por exemplo, tomar as duas dimensões separadas e sobrepô-las, uma em cima da outra. Você ganha um modelo sintético de capacitação que irá ajudá-lo a realizar qualquer projeto de forma muito bem sucedida.

Este é o começo da viagem que você vai tomar para tornar o seu sonho em realidade. Sonhos que você segura na palma de suas mãos. *Dragon Dreaming* vai ajudar na mudança de seu poder para tornar este sonho em realidade.

Quando *Dragon Dreaming* começou? Como uma forma de treinamento que teve claramente suas origens nos trabalhos realizados pela Fundação Gaia da Austrália Ocidental, nos últimos 24 anos. Mas é claro que o processo de *Dragon Dreaming* é muito mais antigo do que isso.

Na verdade, quando faço workshops de *Dragon Dreaming*, as pessoas que realizaram projetos bem-sucedidos reconhecem os quatro quadrantes e os doze passos que seguiram. Então, quando o processo de *Dragon Dreaming* começou? Eu suspeito que *Dragon Dreaming* é tão antigo quanto a humanidade, se não for mais velho. As quatro etapas são refletidas na arquitetura profunda do cérebro humano.

Por exemplo, o cérebro humano é dividido em dois hemisférios, esquerdo e direito – o lado direito do cérebro controla o lado esquerdo do corpo e do lado esquerdo do cérebro controla o lado direito. A central de conexão entre os dois hemisférios é o corpo caloso, enterrado nas profundezas do cérebro, que permite que as partes direita e esquerda do corpo geralmente trabalham de forma coordenada.



Estas duas partes do cérebro, no entanto, também têm funções adicionais que são muito diferentes. O cérebro do lado direito é responsável pela *Gestalt* não sequencial ou tarefas de reconhecimento de padrões. Na linguagem do *Dragon Dreaming* o lado direito do cérebro é responsável por Sonhar e Celebrar. É onde encontramos a atividade de devaneio, de ideias, criatividade e inovação. Também está ligado às emoções e, portanto, está fortemente relacionada com motivação e celebração. Nossas maiores memórias parecem residir mais no nosso hemisfério direito.

O hemisfério esquerdo, por comparação, é o centro da nossa memória de curto prazo, e é o local em que a maioria das tarefas sequenciais são organizadas. Em comparação com o hemisfério direito, o lado esquerdo é o local do pensamento analítico, da lógica e da linguagem. É o local de leitura, escrita e audição, das artes, da comunicação com os outros. É também o centro de cálculo, e em termos de *Dragon Dreaming* parece mais associado com as funções de Planejamento e Execução do processo.

As ligações entre o hemisfério esquerdo e o hemisfério direito nos permitem funcionar como uma personalidade equilibrada, capaz de ser criativa e reconhecer padrões, ao mesmo tempo em que trabalha logicamente. Mas a humanidade parece ter um desequilíbrio inerente, favorecendo tarefas sequenciais – 85% da população é destra, indicando uma dominância do lado esquerdo do cérebro. Este domínio não é problemático, desde que a ligação do corpo caloso seja forte, e a ligação entre os dois lados do cérebro permita uma comunicação fácil.

Mas nossa cultura não está equilibrada desde o surgimento das culturas patriarcais do Oriente Médio, cerca de 7

a 8 mil anos atrás. A separação ocorreu primeiro com a classe dominante. Aqui, com o estabelecimento de reis sacerdotes, o ego masculino passou a ser associado com o planejamento de curto prazo e fazer as tarefas, dominando as preocupações femininas para multitarefa, reconhecimento de padrões e emoções. As tarefas da construção das pirâmides e grandes templos do mundo antigo eram sinônimos desta emergência do pensamento dominante da esquerda, e o domínio de elites masculinas hierárquicas sobre o resto da sociedade.

Até o final da Idade do Bronze, a mudança de práticas educativas e as estruturas autoritárias da educação dos filhos maiores, encontrados na China, Índia, Oriente Médio, Israel e Grécia, viu uma restrição nos pais permissivos e deram maior importância em “disciplinar” a criança. Crianças em tais culturas mais frequentemente se sentiam inseguras, isoladas e sozinhas, e isso criou um indivíduo mais temível e menos confiante, levando a uma restrição nas conexões neurais, particularmente na vida emocional, ligando os hemisférios esquerdo e direito. Isto levou à dominância do lado esquerdo do cérebro se estender para baixo na sociedade, já não se limitando à família governante dominante ou à classe superior aristocrática. Planejamento e execução alcançaram um domínio sobre sonhar e celebrar, domínio este que, no chamado “mundo civilizado”, se mantém até os dias atuais.

A arquitetura do cérebro também suporta a segunda divisão no *Dragon Dreaming*, entre Teoria e Prática.

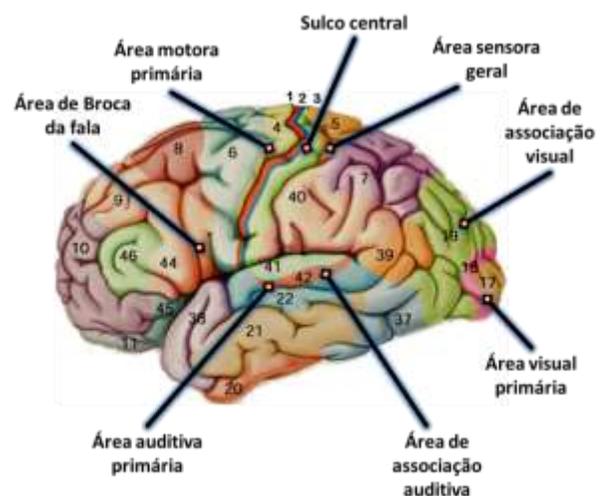
Usando as áreas funcionais de Broca do cérebro humano, podemos ver que o cérebro é dividido horizontalmente, bem como na vertical, mas com menor clareza, pela área motora primária, responsável por organizar a maioria dos nossos movimentos voluntários. Imediatamente atrás desta área motora há uma área sensorial, onde é organizada a maioria da entrada sensorial vinda do nosso corpo, e direcionada ao mundo externo.

A estreita ligação entre as funções sensoriais e motoras é importante, como resposta imediata e necessária entre nossos sentidos e nossos músculos, a fim de se certificar que as funções motoras realizem as tarefas que desejamos. A função sensorial primária para a audição é encontrada na área 41, onde é realizada a audição, e onde ocorre o processamento de som para dar significado na área 4, no interior de nossos ouvidos. Paradoxalmente, a transformação de visão não acontece por trás dos olhos, mas ocorre logo na parte de trás do nosso cérebro, com o processamento visual que ocorre perto da área 18 e associação visual e memória que está sendo encontrado perto da área 7. São os nossos sentidos de audição e visão, em particular, que nos conectam enquanto indivíduos com o mundo prático.

Em comparação, a parte teórica do cérebro está associada à parte frontal do cérebro, as áreas 6, 8, 9 e 10, com extensões para áreas de Broca para a “fala”, perto de 44. É aqui que o processamento das informações ocorre, e atributos como as funções de pensamento de previsão e retrospectiva, estão localizadas. A área 6 é interessante, porque parece vincular “pensar” às partes do cérebro ligadas às atividades motoras. É na área 6, que a maior parte do planejamento de nossas atividades parece ser localizado. Em contraste, a “avaliação” de “monitoramento de nosso progresso” parece mais localizada na área 5 do cérebro, logo atrás do córtex sensorial, onde a nossa informação dos sentidos é processada.

Esta padronização do cérebro humano segue de perto o padrão dos quatro quadrantes do Sonhar, Planejar, Fazer e Celebrar, encontrado no *Dragon Dreaming*. Com uma ligação tão estreita com a organização do nosso cérebro, não é de surpreender que encontremos as quatro etapas ocorrendo muito antes de seu reconhecimento na Fundação Gaia da Austrália Ocidental, desde o final dos anos 1980 em diante.

De fato, quando examinamos os estilos de vida de caçadores que existiram pelo menos nos últimos 180.000 anos, enquanto primeiros seres humanos modernos, se não desde a descoberta e uso do fogo, meio milhão de



anos atrás, podemos reconhecer claramente a existência dos “círculos do coração” em torno do qual as pessoas se reuniam à noite. O padrão de sonho ocorre principalmente no período do sono superficial, pouco antes de acordar. O Planejamento ocorre geralmente no início da manhã e, como caçadores-coletores, era então que as decisões coletivas para as atividades do dia, a caça e coleta, teriam ocorrido. Isto seria seguido pelo “Fazer”, geralmente em que os homens partiam para caçar, enquanto as mulheres e crianças ficavam mais perto do acampamento-base, recolhendo frutas e outros alimentos. À noite, se fossem bem sucedidos, os homens voltariam trazendo o que foi capturado, que geralmente era assado ao fogo e depois compartilhado, com o início da noite tomado por contação de histórias, a avaliação da caça e a Celebração, antes de dormir mais uma vez. Não é de surpreender quando descobrimos que este mesmo padrão é subjacente à capacidade humana de contar histórias.

Todas as histórias já contadas começam com uma introdução, em que somos apresentados aos personagens e seu mundo. Eventualmente um protagonista emerge e é visto como tendo um papel especial a desempenhar. Como Joseph Campbell mostrou em “Herói de Mil Faces”, os primeiros sinais de um papel especial dado a este personagem podem não ser reconhecidos pelos outros. A história então se move em direção ao clímax, onde a ajuda dada ao herói protagonista o prepara (ou menos frequentemente “a prepara” – lembre-se que no patriarcado são, geralmente, os homens que contaram as histórias), e após algum tipo de “busca”, a história resulta em uma luta na qual, após sacrifício considerável, o herói retorna para curar as feridas causadas pela perda anterior de graça, e no anticlímax da resolução, a comunidade se reúne de uma nova maneira, diferente do que acontecia antes.

Campbell mostrou que tal padrão não é apenas encontrado nos contos, como os do Rei Arthur, mas mesmo nas histórias de grandes mestres religiosos como Maomé ou Jesus Cristo. Que tal padrão é tão difundido sugere que é uma forma universal em que nós, seres humanos, organizamos o “significado” em nossas vidas, o que seria esperado a partir do padrão da arquitetura do cérebro discutido acima.

Assim, encontramos que o padrão de *Dragon Dreaming*, “Sonhar”, “Planejar”, “Fazer” e “Celebrar” não só se baseia em qualquer projeto bem sucedido. Pode ser encontrado em todas as culturas humanas, em todos os períodos e reflete a maneira como o cérebro humano em si é organizado. Talvez, uma vez que este padrão de organização do cérebro também é encontrado em mamíferos tais como chimpanzés, golfinhos e elefantes, podemos concluir que este padrão é parte da evolução de vida complexo do planeta, e faz parte da maneira como, por milhões de anos, a vida tem se empenhado no processo de alcançar graus cada vez maiores de autoconsciência e autocontrole. Se isso for verdade, então o padrão pode estar no cerne da própria vida.

A tradução para o português, revisão e divulgação deste e de outros textos de John Croft é fruto de uma iniciativa colaborativa e voluntária que endossa a ética de Crescimento Pessoal, Formação de Comunidades e Serviço à Terra – encontramos em *Dragon Dreaming* contribuições significativas para as mudanças necessárias à nossa sociedade.

Se você deseja colaborar ou conhecer mais, acesse:

Dragon Dreaming Brasil – <http://www.dragondreamingbr.org>

Dragon Dreaming Brasil no Facebook – <https://www.facebook.com/groups/107192366047436/>

Dragon Dreaming International – <http://www.dragondreaming.org/en>

Fichas técnicas em inglês – <http://dragondreaming.iimdo.com/sources-1/john-croft-fact-sheets/>